



*A FAMÍLIA REAL NA AJUDA NO SÉCULO XIX E O GOSTO PELA NATUREZA – 1ª PARTE**

Maria João Botelho Moniz Burnay

Ana Mafalda de Castro Portugal**

1. A FAMÍLIA REAL NA AJUDA E O NOVO PAÇO

Na sequência do terramoto de 1755, a família real portuguesa decidiu fixar residência na zona da Ajuda. Daí resultou a edificação do Paço de Madeira, a mando do rei D. José I (1750-1777), em 1756. Contudo, este primeiro Paço de N^a Sra. da Ajuda, que ficou conhecido como Real Barraca, foi destruído por um incêndio, em 1794.

Em 1796, dá-se início à construção de um novo palácio na Ajuda, no mesmo local. Até 1802, o arquitecto encarregue da obra foi Manuel Caetano de Sousa, que será exonerado nesse ano, por decreto régio, sendo substituído por Francisco Xavier Fabri e José da Costa e Silva, os quais imprimiram ao edifício a feição neoclássica, de acordo com os cânones da época.

Do grandioso projecto de 1802, apenas foi construída uma terça parte, devido ao período conturbado da primeira metade do século e em 1833 as obras terminam.

Na nova residência real, após a morte de D. João VI (1816-1826), de 1826 a 1828 viveram: a regente D. Isabel Maria que aqui jurou a Carta Constitucional, sua irmã, a infanta D. Maria da Assunção e a princesa D. Maria Francisca Benedita, viúva do Príncipe D. José, irmão mais velho de D. João VI.

Em 1828, D. Miguel (1828-1834) regressa a Portugal, permanecendo alguns meses neste paço, onde é aclamado rei absolutista no mês de Março, mais precisamente na *Sala da Aclamação*, chamada *Sala dos Jantares Grandes* no tempo de D. Luís I (1861-1889), sala essa que mantém, até aos dias de hoje, a função de sala de banquetes para as cerimónias de Estado.

Em 1833, um ano antes da implantação definitiva do liberalismo em Portugal, uma parte da família real espanhola hospeda-se no Palácio da Ajuda. O Infante D. Carlos fora expulso por seu irmão, o Rei Fernando VII de Espanha, por não ter reconhecido sua sobrinha, D. Isabel, como herdeira da coroa. Com o Infante vem sua primeira mulher, D. Francisca de Assis e os filhos; a princesa da Beira, D. Maria Teresa, primogénita de D. João VI, já viúva do Infante D. Pedro Carlos, bem como seu filho, o Infante D. Sebastião. Em Julho, com a entrada das tropas liberais em Lisboa, a Família Real Espanhola abandonou o paço da Ajuda, o qual permaneceu desabitado, solidão apenas interrompida por várias solenidades, como as ocorridas no reinado de D. Maria II (1834-1853), em que se realizaram algumas cerimónias de beija-mão.

* Técnica superior principal / Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda.

** Professora requisitada / Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda. Mestre em Ciências da Educação.

A propósito do palácio desabitado, o Príncipe Felix Lichnowsky diria em 1842: «Que interesse poderá todavia excitar em mim essa enorme, e fria massa de pedra, que permanece tão deserta, sem passado, e sem presente - incompletas ruínas modernas, que nada apresentam, e nada recordam!»¹.

No reinado de D. Pedro V (1853-1861), tiveram também lugar na Ajuda, em 1855, um banquete e um beija-mão e, seguidamente, a 29 de Abril de 1858, a festa de gala pelo seu casamento com D. Estefânia de Hohenzollern – Sigmaringen.

Contudo, o desinteresse da família real pelo Paço da Ajuda não se estendeu a outros locais desta zona, como foi o caso da Tapada, frequentemente visitada por D. Pedro V e sua mulher, e onde o monarca fundaria, em 1861, o Real Observatório Astronómico.

No final da década de 1850, D. Pedro V vinha regularmente à zona da Ajuda, para se encontrar com o historiador Alexandre Herculano, nomeado em 1839, por D. Maria II, Director das Bibliotecas Reais da Ajuda e das Necessidades. No cargo de *Bibliotecário – Mor de Sua Magestade*, que conservaria até ao fim da vida, superintendia as bibliotecas dos Paços Reais da Ajuda e Necessidades e o Real Gabinete de Física. Este último, serviu de sala de estudo dos príncipes, filhos de D. Maria I (1777-1816), bem como, quase um século depois, já no reinado de D. Luís I, dos seus filhos, D. Carlos e D. Afonso². O bibliotecário residia numa parte do edifício pertencente à *Livraria do Paço d'Ajuda*³, construída ainda no tempo da Real Barraca. Resta hoje uma parte, justamente aquela onde habitou Herculano e onde está agora instalado um lar de crianças da Casa Pia de Lisboa.

Numa planta de 1869 [**Fig. 1**], podemos observar o passadiço que ligava o paço a essa antiga biblioteca. Testemunhos da época resumem desta forma os encontros entre D. Pedro V [**Fig. 2**] e Herculano: «Umaz vezes tratavam de coisas graves, e outras de mais esparecidas, anedotas políticas do dia, letras, artes. El-Rei recitava versos que lhe haviam agradado e tomara de cor, com a sua memória bragantina»⁴.

¹ LICHNOWSKY, Príncipe Felix - *Portugal Recordações do ano de 1842*. Lisboa: Edições Ática. S.d., pág. 105.

² Para além da tradição oral que nos indica que, em 1885, aquele espaço era utilizado pelos príncipes, filhos de D. Luís I, refira-se um ofício de 06-02-85 que confirma este facto: «Ordem para pelo Almojarifado, sejam satisfeitas as requisições de substancias que forem necessárias para o gabinete de physica e chymica de Sua Alteza o Principe Real [D: Carlos]». A.P.N.A, 5.3.26, *Registo de diversos officios desde 1880*, V.

³ A casa de Herculano era referida na época como *Eremitério*, por estar afastada de Lisboa, e era local de reuniões e de encontros dos intelectuais da época. SANTOS, Mariana Machado - Alexandre Herculano e a Biblioteca da Ajuda, Separata de *O Instituto*. Vol. CXXVII. Coimbra. 1965, pág. 22.

⁴ VILHENA, Júlio de – D. Pedro V e o seu reinado. CÂNCIO, Francisco - *O Paço da Ajuda*. Lisboa: Imprensa Barreiros. 1955, pág. 270.

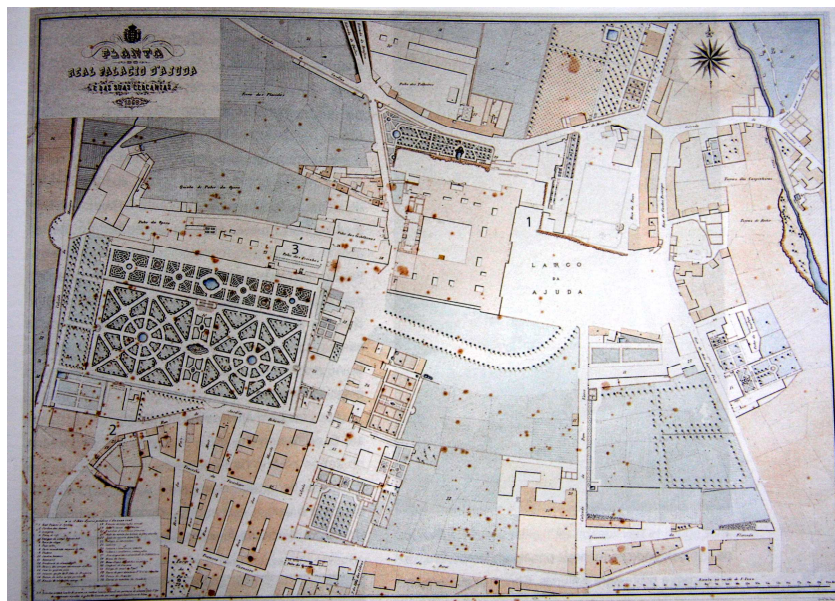


Fig. 1

Planta do Real Palácio d'Ajuda e suas cercanias, 1869, Emygdio gr., J.^a de Abreu leb., Lith^a da Imp^a Nac. Palácio Nacional da Ajuda. Fotografia de Henrique Ruas

Mas não era somente Herculano quem D. Pedro V visitava na Ajuda. Dirigia-se com frequência a uma escola de crianças, onde permanecia por algum tempo, em conversa com a professora e alunas. Conversa que era normalmente acompanhada por uma distribuição de livros ⁵.

Um acontecimento inesperado forçou os membros da família real a deslocarem-se à Ajuda, a 21 de Maio de 1861: um incêndio deflagrou no Pátio das cozinhas do paço velho⁶ (cf. Imagem 1), colocando em perigo o edifício. Martins Bastos refere-se ao acontecimento dizendo que o fogo «foi um daqueles que pôs em grande susto, e consternação os habitantes do Real Sítio de Nossa Senhora da Ajuda»⁷, causando imenso cuidado a muitas pessoas não só de Lisboa mas também dos arredores. Segundo o seu relato: «El - Rei o Senhor D. Pedro V, e Seu Augusto Pai; os senhores Infantes D. Luís (...), com o senhor Infante D. João (...) aí se acharam imediatamente ouviram os toques na torre da Real Capela das Necessidades, e com a sua real presença, a todos animavam ao trabalho: o Senhor Infante D. Luís, trabalhava com tanto ânimo, que o seu exemplo encheu de coragem aos marinheiros do Bartolomeu Dias, navio do seu comando, e aos dos navios ingleses, por tal modo que se pode dizer, que o fogo se atalhou por sua causa (...) recordando algumas pessoas antigas, o incêndio que reduzira a cinzas o antigo Palácio da Ajuda, na noite do dia 10 de Novembro de 1794, por descuido de um criado, que no seu quarto deixara, por acaso uma vela acesa. Ficou (...) intacto o Palácio Novo da Ajuda»⁸.

⁵Idem, Ibidem, pág. 273. Este era provavelmente o *Colégio das educandas* que nos aparece referido na *Planta do Real Palácio d'Ajuda e suas cercanias* de 1869, na Rua do Jardim Botânico, ao lado do *Recolhimento das Oblatas*. Cf. imagem 1.

⁶ Trata-se do paço da Quinta Real de Cima, contíguo ao Jardim Botânico da Ajuda.

⁷ BASTOS, Francisco António Martins - *Memórias para a História de El-Rey Fidelissimo o Senhor D. Pedro V e de seus Augustos Irmãos, dedicada a Sua Magestade fidelissima El-Rey o Senhor D. Luiz*. Lisboa: Typographia Universal. 1863, pp. 153, 154.

⁸ Idem, Ibidem, pág. 279.



Fig. 2
Rei D. Pedro V.
William Corden, cópia de Winterhalter.
Óleo sobre tela
PNA invº 4045
Fotografia Manuel Silveira Ramos.

A morte prematura do jovem rei D. Pedro V, no dia 11 de Novembro de 1861, com apenas 25 anos de idade, levou seu irmão, o infante D. Luís, a assumir a coroa portuguesa, a 22 de Dezembro do mesmo ano. D. Luís I **[Fig. 3]** foi então aconselhado a deixar o Palácio das Necessidades, local de tristes recordações, pois aí tinham falecido, num curto período de tempo, dois dos seus irmãos: o mal que vitimou o monarca atingira também os Infantes D. Fernando, D. João e D. Augusto. No rol das tragédias, este último fora o único sobrevivente.



Fig. 3
Rei D. Luís I.
Ass. e dat. «José
Rodrigues de Carvalho,
1869».
Óleo sobre tela.
PNA inv. 87
Fotografia L.F. Oliveira

Após ter permanecido na residência real de Caxias até 5 de Março de 1862, e depois em Pedrouços, no antigo palácio do Governador da Torre de Belém, D. Luís foi definitivamente para a Ajuda, a 16 de Abril do mesmo ano. Deste modo, durante o reinado de D. Luís, o palácio da Ajuda voltou a ser a morada real.

O casamento foi uma das primeiras preocupações de D. Luís, tendo a escolha recaído em D. Maria Pia de Sabóia [**Fig. 4**] filha do Rei de Itália, Vítor Manuel II (1861-1878, rei do Piemonte desde 1849). A 6 de Outubro de 1862, celebrou-se a ratificação da união na igreja de S. Domingos, em Lisboa, na sequência do casamento por procuração, realizado em Turim, a 28 de Setembro.

Pela correspondência trocada durante os meses de noivado, denota-se o empenhamento de D. Luís I em receber a sua noiva numa residência confortável, e o entusiasmo com que aguardava o futuro enlace.

Entusiasmo a que D. Maria Pia parecia corresponder. A 30 de Agosto, a Princesa escrevia de Turim: «J'ai reçu ton portrait que Monsieur le Viconte de Carreira m'apporta lui même le soir avant de partir. (...) Je pense te faire plaisir en t'envoyant ce petit médaillon avec mon portrait et mes cheveux dedans j'espere que tu voudra bien le porter et m'envoyer en échange de tes cheveux Qui me feront bien plaisir»⁹.

⁹ “Recebi o teu retrato que o Sr. Visconde de Carreira me trouxe, ele próprio, na noite antes de partir (...). Penso que será do teu agrado, o envio deste pequeno medalhão com o meu retrato e os meus cabelos, espero que queiras usá-lo e enviar-me em troca os teus cabelos, o que me agradará bastante.” IAN/TT,



Fig. 4
Rainha D. Maria Pia de Sabóia. Ass. e dat. «Gandolfi, 1862».
Óleo s/ cartão
PNA invº 506
Fotografia Henrique Ruas.

Aos arranjos no interior do palácio¹⁰, juntaram-se os cuidados com o exterior: o largo da Ajuda e outras zonas circundantes receberam melhoramentos, entre eles a plantação de árvores provenientes dos viveiros do Campo Grande e do Jardim da Estrela¹¹.

No dia 6 de Outubro de 1862, D. Maria Pia entra pela primeira vez na Ajuda. As suas impressões deixam transparecer o desapontamento sentido à chegada e a intenção de remodelar os seus aposentos.

Dotada de um gosto moderno e influenciada pelos estilos seguidos em França na segunda metade do século XIX, D. Maria Pia deu início a uma renovação da sua nova casa. Nos primeiros anos teve a colaboração de Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1806-1896)¹², Arquitecto da Casa Real, que entre 1862 e 1865 liderou o plano de

ACR, maço 16-302/2, Correspondência, *Carta de D. Maria Pia para D. Luís*, Turim, 30 de Agosto de 1862.

¹⁰ ««Presentemente trabalham n'elle com muita efficacia centeneres [sic] de operarios de varios officios a fim de o affirmosearem e adereçarem magnificamente para o consorcio del – rei o senhor D. Luiz com a excelsa princesa a senhora D. Maria Pia de Saboya». *Archivo Pittoresco*, Lisboa: Ed. Proprietários, Castro Irmão e Cia., Vol. V. 1862, pág. 224.

¹¹ IAN/TT, ACR, Cx. 4667, Proc.217, Doc.1 *Carta do Vedor para a Câmara Municipal de Lisboa*, 6 de Setembro de 1862.

¹² Joaquim Possidónio Narciso da Silva (Lisboa, 1806 – Lisboa, 1896) [Em] 1824, depois de ter recebido lições de Sequeira, de Sendim e de Germano Xavier de Magalhães, arquitecto da Ajuda, partiu para Paris a formar-se na escola de Belas-Artes e junto do famoso Charles Percier. Em 1828 partiu para Roma, mas voltou a Paris dois anos depois, para ali permanecer ainda três anos, ligado a trabalhos públicos, como os do Palácio Real e das Tulherias. Em 1833, já no termo da guerra civil, Possidónio regressou a Lisboa para trabalhar para o regente D. Pedro, que após rápido concurso, o encarregou de adaptar o convento de S. Bento a Parlamento. Ao mesmo tempo, o jovem arquitecto estudou um projecto de conclusão do Palácio da Ajuda (publicado em 1866), que não teve resultado prático. Nomeado arquitecto da Casa Real,

remodelação. A propósito desta campanha nos aposentos privados da nova residência real, Possidónio da Silva afirmaria: «Quem tivesse examinado essas salas tristes, nuas e desproporcionadas, sem graça nem confortável [sic] na sua distribuição e decoração, sem falar na pobreza que indicavam os seus mal combinados adornos» veria como tudo tinha sido substituído por «fórmulas novas e agradáveis à vista, por ornatos de bello effeito apropriados e lindos»¹³.

Discípulo do francês Charles Percier, Possidónio da Silva irá valorizar o papel do arquitecto, tanto na concepção arquitectónica, como na decoração dos interiores. Assiste-se no Paço da Ajuda à separação dos aposentos do rei dos da rainha e a uma divisão entre os espaços privados e as salas de recepção.

A Rainha D. Maria Pia procurou melhorar o ambiente do palácio da Ajuda ao longo de toda a sua permanência em Portugal, até à partida para o exílio em 1910. São numerosas as encomendas de grande qualidade, que atestam o seu culto pela decoração. A soberana combina, de forma estudada, mobiliário de luxo, de vários estilos, sobretudo revivalistas, fabricado segundo os métodos tradicionais, com móveis produzidos em série, concebidos em fábricas de produção intensiva, alguns obtidos através de catálogo.

Na segunda metade do século XIX, um dos paradigmas do luxo e do bom gosto na Europa eram os salões da Princesa Matilde Bonaparte, prima do Imperador de França, Napoleão III (1852-1870)¹⁴. A Princesa recebia a sociedade elegante do Segundo Império na sua mansão parisiense em 24, rue de Courcelles. No seu salão: «Les rideaux vert et rouge sont harmonisés au tapis et créent une ambiance chaleureuse, éclaire par les tonalités pâles des murs et de la cheminée de style Louis XVI»¹⁵. Esta conjugação de elementos, bem como a moda do jardim de Inverno, que já vinha da década de 1840, influenciaram certamente as remodelações no palácio da Ajuda.

«O vice-rei do Egypto»¹⁶ presenteára el-rei D. Pedro V com uma pedra de preciosíssimo marmore egypcio branco, similhando agatha»¹⁷. Esta pedra, na realidade alabastro, serviu pois de revestimento, anos mais tarde para o Jardim de Inverno, ou «Salla de mármore» ou de «agatha», segundo denominação da época. Esta sala separava os aposentos da rainha das restantes divisões do piso térreo. Divisão de particular

Possidónio colaborou no Palácio da Pena, donde, porém, saiu desentendido com Eschwege, trabalhou nas Necessidades (1844-46) e traçou o Paço do Alfeite (antes de 1857). Possidónio acabou por se dedicar inteiramente à arqueologia, sendo incumbido por D. Pedro V, em 1858, do estudo técnico de monumentos nacionais. Em 1864 fundou a Real Associação dos Arquitectos e Arqueólogos.

Adaptado de: FRANÇA, José Augusto - Joaquim Possidónio Narciso da Silva. SERRÃO, Joel (Dir.) - *Dicionário de História de Portugal*. Volume V. Porto: Livraria Figueirinhas. 1989, pág. 574.

Na Ajuda, colaboraram com Possidónio da Silva, Rambois e Cinnati – cenógrafos do Real Teatro de São Carlos - que entre outras obras, lideraram o plano de remodelação dos aposentos da família real no Paço das Necessidades a partir de 1844. Rambois (1810-1882) e Cinnatti (1808-1879) viriam a ter a sua intervenção na Ajuda nos aposentos da rainha D. Maria Pia, nomeadamente na pintura do tecto da sala de Saxe. Sobre o desempenho destes dois artistas italianos em Portugal, Cf.: LEAL, Joana Cunha - Ao Serviço de Suas Magestades. Cinnatti, o efémero e a corte liberal. PEREIRA, João Castel-Branco; CORREIA, Ana Paula Rebelo (Coord.) - *Arte efémera em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2000, pp. 328-235.

¹³ SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da, *Descrição artística das novas salas do Real Paço d'Ajuda (Obras mandadas executar por Sua Magestade a Senhora D. Maria Pia de Saboia nos seus Reais Aposentos)*. Lisboa: Typographia Portuguesa. 1865, pág. 4.

¹⁴ O Imperador Napoleão III foi padrinho de baptismo do Infante D. Afonso, filho de D. Luís e de D. Maria Pia.

¹⁵ «Os cortinados em verde e encarnado, combinam com o tapete e criam um ambiente caloroso iluminado pelas tonalidades pálidas das paredes e da chaminé Luís XVI.» NOUVEL-KAMMERER, Odile - *Napoléon III, Années 1880, Le Mobilier Français*. Paris: Éditions Massin. 1996, pág. 14.

¹⁶ Possivelmente o Quédive ou Vice-rei Saïd, filho do pacha turco Mehemet - Ali. Na altura o Egipto estava sob a suserania da Turquia.

¹⁷ S.A. - *Archivo Pittoresco*, Junho 1864, pág. 47.

exotismo, decorada por D. Maria Pia com algum mobiliário imitando bambu e uma enorme quantidade de plantas requisitadas do Jardim Botânico, local onde se levava a cabo «a feitura de ramos»¹⁸, tendo em vista a ornamentação das salas por ocasião dos bailes e festas de gala no paço da Ajuda. No Jardim de Inverno decorriam frequentemente festividades, como aniversários dos príncipes, recepções de carácter semi-privado e jantares familiares. Era também local de descontração dos soberanos em alturas de lazer. Nas palavras de Possidónio da Silva, «[t]udo ali convida a gosar a doçura da vida que se alcança pela opulencia, e nada falta que suavise a existencia e deleite a vida»¹⁹. [Fig. 5]



Fig. 5
Sala de Mármore
do Palácio
Nacional da
Ajuda.
Fotografia
Henrique Ruas.

A moda dos Jardins de Inverno estava bem de acordo com o gosto da época. Eram numerosos os recintos deste género onde se oferecia um espectáculo deslumbrante de uma multidão de plantas exóticas aclimatadas e onde se misturavam mobiliário de estilo Luís XV, ou de ferro, com potes chineses e estátuas de mármore branco e lustre de cristal de Veneza: «Le monde entier, nature et cultures confondues, est ici réuni»²⁰. Nas palavras de contemporâneos: «Quebra-se a monotonia das salas, e, nas horas bonançosas do serão, como que se está n'um jardim em miniatura.

A leitura, a escripta, os trabalhos do pensamento, emfim, devem encontrar um certo atractivo quando a luz do candieiro passa atravez da folhagem das plantas mimosas!»²¹

Foi, naturalmente, este amor pela natureza que levou, anos mais tarde, à construção de uma estufa e de uma marquise de ferro [Figs 6 e 7], nos aposentos privados da rainha, próximo do seu toucador. Este aposento e respectiva decoração

¹⁸ IAN/TT, ACR, Cx.5288, Doc. 83, *Baile de Corte em 22 /02/1881*.

¹⁹ SILVA, Joaquim Possidónio Narciso da - ob. cit., pág. 8.

²⁰ «O mundo inteiro, natureza e culturas, está aqui reunido». NOUVEL-KAMMERER, Odile - ob. cit., pág. 40.

²¹ LOUREIRO, José Marques - Algumas plantas próprias para sala. *Jornal de Horticultura Prática*. Lisboa. Vol. XI. 1880, pp. 205, 206.

foram descritos no Diário de Notícias de 12 de Março de 1887²², altura em que estava quase terminado, referindo-se então que o terraço para o qual dava uma das suas portas iria ser transformado em estufa, o que terá sido realizado provavelmente nos últimos anos da década de 1880. Sobre esta estufa, infelizmente desaparecida, poucas referências e imagens chegaram até nós²³. Após a implantação da República, numa época de grande instabilidade para o país, chegou a ser atingida por uma granada, que partiu todos os vidros, tal como outros aposentos naquela ala do paço²⁴.

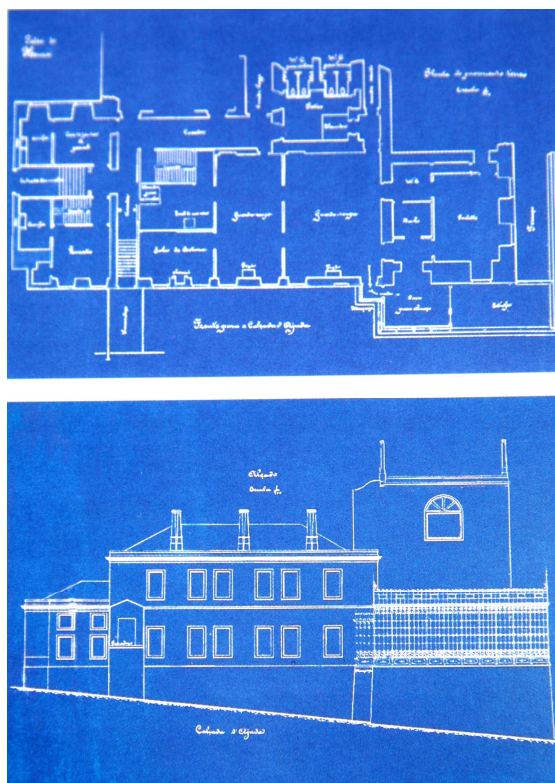


Fig. 6

Palácio Nacional da Ajuda. Planta parcial do ângulo Poente/Sul. Frente para a Calçada da Ajuda. Pavimento térreo. Finais do século XIX, inícios do século XX. Nela se pode ver a estufa e marquise dos aposentos da rainha Maria Pia, actualmente desaparecidas. Fotografia Henrique Ruas.

Foi pois no ambiente remodelado do paço da Ajuda que nasceram os dois filhos de D. Luís e de D. Maria Pia, o Príncipe real D. Carlos [Fig. 8] em 28 de Setembro de

²² *Diário de Notícias*, Lisboa. 7: 598 – 23.º ano, 12 de Março de 1887.

²³ Temos, nomeadamente, a seguinte nota do almoxarifado de 30 de Abril de 1888: «Recebi do Ilmo. Senhor Joaquim Isidoro de Souza, Almoxarife do Real Paço da Ajuda, a quantia de seis mil reis de gratificação pelo serviço a meu cargo das plantas da estufa de Sua Magestade a Rainha e do terraço d'este Paço, a duzentos reis por dia.» APNA, Almoxarifado do Palácio da Ajuda, *Cópias de diversos recibos*. Lisboa. 30.4.1870 a 1906.

Através do Inventário Judicial, sabemos, também, que do seu recheio em 1910 faziam parte um banco de ferro para vasos, cantoneiras de ferro e quatro candeeiros para gás, suspensos a meio do recinto. APNA Inventário Judicial 1910, Vol 3.

Em 1930, a marquise de ferro foi desmantelada e transportada para a arrecadação do palácio. Nesse mesmo ano, dentro de um plano de reparações efectuadas, também se procedeu à substituição da clarabóia do *Atelier* da Rainha - *Atelier* de pintura que Enrique Casanova nos deixou representado em aguarela – «na altura ... de vidro... substituída por um tecto de madeira de carvalho, devidamente entalhado, feito em cachotões...». DGEMN, Direcção de Serviços de Inventário e Divulgação, Processo Palácio da Ajuda, 1930.

²⁴ IAN/TT, ACR, Lv. 9161, N.º de ordem 43, Processo 800, Liv:1.º, *Carta do Administrador do palácio sobre os Aposentos D. Maria Pia e estufa do lado da Calçada da Ajuda*, 1915/05/20.

O lado Sul e poente tem vindo a ser até aos dias de hoje a zona mais sensível do palácio. Já em 1876, no dia 7 de Janeiro, devido à ocorrência de um grande temporal, «cahiu uma grande parte do reboco do frontalão (...) para cima do toucador de Sua Magestade a Rainha partindo-lhe uma grande quantidade de telhas, o que deu lugar a alguma água fazer uma grande nódoa no estuque». IAN/TT, ACR, Doc. 5134, Proc. 673, Ofício de 17 de Novembro de 1876.



Fig. 7

Vista do Palácio da Ajuda – alas sul e oeste. Finais do século XIX. Nela se pode ver a estufa e marquise dos aposentos da rainha Maria Pia, actualmente desaparecidas. DDF/AD/Palácio Nacional da Ajuda – 1.1.1.

1863 e o Infante D. Afonso [**Fig. 9**] a 31 de Julho de 1865, desenrolando-se neste cenário grande parte do quotidiano da família real portuguesa, num período de quase meio século (1862–1910).



Fig. 8

Príncipe Real D. Carlos. Insc. «Antiga Caza Fritz, Porto», 1872. Fotografia antiga. PNA, inv. 1304/40.

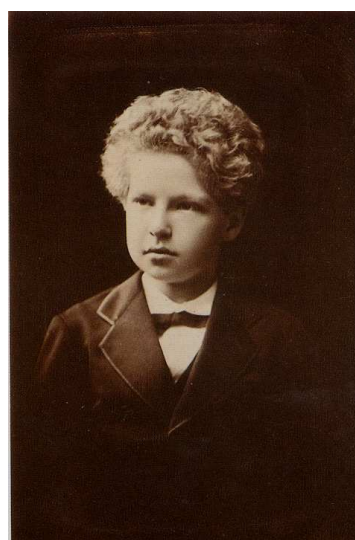


Fig. 9

Infante D. Afonso. Insc. «Antiga Caza Fritz, Porto», 1872. Fotografia antiga. PNA inv. 1304/41.

2. O GOSTO E A RELEVÂNCIA DA NATUREZA NO SÉCULO XIX.

«O campo - disse então D. Diogo, passando gravemente os dedos pelos bigodes - tem uma certa vantagem para a sociedade, para se fazer um bonito piquenique, para uma burricada, para uma partida de croquet ... sem campo não há sociedade.»

Eça de Queiroz, *Os Maias*, 1888²⁵

Apesar da progressiva industrialização, a atracção pela natureza permanecerá, no século XIX, um traço característico da sociedade ocidental. Os passeios, a caça, as colecções de plantas ou flores em herbários, a jardinagem, o desenho e a pintura de temas naturais, os piqueniques e as burricadas constituíam formas aprazíveis de desfrutar da natureza. Este gosto pelo ar livre era também cultivado como forma de aprendizagem. As viagens pelo mundo e a crescente sistematização do saber, enriqueciam o conhecimento. Os avanços da medicina e da higiene levaram à procura de ambientes e hábitos saudáveis.

A natureza será um contraponto equilibrador numa sociedade cada vez mais desumanizada pela industrialização. Falamos, não ainda da preocupação ecológica dos séculos XX e XXI, mas da curiosidade científica por uma natureza que se queria transformada e adaptada para desfrute e educação das pessoas. Os jardins eram, sobretudo na segunda metade de oitocentos, um meio de humanizar os novos planos urbanísticos.

O amor pela natureza era já tradicional em Portugal e intensamente cultivado pela família real desde longa data. O mesmo se passava com a aprendizagem da Botânica e da História Natural por parte dos membros mais jovens da família real. Foi um complemento importante na educação dos filhos de D. Maria II e de D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha, que, aliás, valeu à rainha o cognome de *A Educadora*, porque pretendia dar aos filhos a formação mais completa e actualizada possível, o que não era comum entre a nobreza portuguesa de então. Com D. Pedro V e seu irmão D. Luís essa aprendizagem foi muito cuidada e incluiu o cultivo de «talhões de terra na Real Quinta das Necessidades, onde criavam lindas flôres, e excelentes hortaliças...»²⁶.

Os príncipes dedicavam-se também de uma forma sistemática e empenhada ao enriquecimento do museu de História Natural: «Compôr hum Museu, como Sua Magestade²⁷, hoje tem, rico das melhores produções da Natureza, seria facil, não só a hum Principe, mas a quem tivesse gosto, e meios para o fazer; porém o que he para admirar he, que Sua Magestade e o Senhor Infante D. Luiz tomassem para seu recreio hum ramo de estudos tão importante, e de tanto trabalho, e que sem Mestre se dedicassem de tal sorte ao conhecimento de História Natural, que tenham feito admirar aquelles mesmos, que profissão a sciencia como em seu lugar se mostrará»²⁸.

Prova da vivência quotidiana em contacto com a natureza são as constantes referências a esse assunto na correspondência trocada, entre os monarcas e seus familiares. Por exemplo, em carta de 24.4.1851 para seu marido, a rainha D. Maria II descreve: «Je reviens du jardin et je mets dans cette lettre un echantillon de *Gladiolus* Qui est superbe. Bonard m'a montre quelque chose de superbe l'*Amavilles*

²⁵ QUEIROZ, Eça de - *Os Maias*. Lisboa: Edição «Livros do Brasil». s.d., pág. 439.

²⁶ BASTOS, Francisco António Martins - ob. cit., pág. 37.

²⁷ Refere-se a D. Pedro V.

²⁸ BASTOS, Francisco António Martins - ob. cit., pág. 37.

Natalensisqui est en pleine floraison c'est magnifique et a une odeur superbe..., mais surtout ce Qui est de tante beauté ce sont les *Paulaninias*»²⁹.

As viagens ao estrangeiro realizadas por D. Pedro V e D. Luís, nos anos de 1854 e 1855, «que D. Fernando II pretendeu de instrução»³⁰, permitiram-lhes aperfeiçoar os seus conhecimentos na área da Botânica. Ao visitar o Jardim Botânico de Bruxelas, D. Pedro V afirma, revelando um certo sentido crítico bem característico aliás da personalidade deste monarca: «do Hospital fizemos apenas alguns passos para chegar ao Jardim Botânico – As estufas não são más, o resto é medonho. Mas em geral essa é a parte de quasi todos os jardins botanicos, por que o botanico puramente scientifico, prefere um exemplar enfezado, e miseravel a uma planta viçosa e robusta»³¹.

O gosto pela jardinagem, actividade que proporcionava uma educação sadia, estava na linha da preocupação tipicamente vitoriana, que visava o auto aperfeiçoamento, tanto moralizante como instrutivo. Passatempo familiar, a jardinagem podia ser assim «o cimento da virtude»³², tal como é visível em correspondência dirigida pela infanta D. Maria Ana³³ [Imagem 10] a seu pai, D. Fernando II, em 5 de Maio de 1858:

«Mon cher Papá

J'ai déjà planté dans mon jardin des choux, des laitues, et j'ai semé des haricots, et aujourd'hui je planterai quelques fleurs»³⁴.

Um outro exemplo chega-nos pela mão de D. Fernando II, ao escrever a sua prima, a rainha Vitória de Inglaterra: «Ma chère Victoire / Un séjour d'une huitaine de jours a la campanhe ou je n'ai été occupé que de plantations (...) Votre tout dévoué ami et cousin. Ferdinand»³⁵.

²⁹ «Acabo de vir do jardim e coloco nesta carta uma amostra de *Gladiolus* que é soberba. Bonard mostrou-me algo de soberbo *Amavilles Natalensisqui* está em plena floração é magnífica e tem um cheiro soberbo... mas sobretudo o que é muito bonito, são as *Paulaninias*.» IAN/TT, ACR, Correspondência, Cx. 7323 – 176, Carta D. Maria II para seu marido, D. Fernando II, em 24 de Abril de 1851.

³⁰ AAVV - D. Luís I, Duque do Porto e Rei de Portugal. Lisboa: Palácio Nacional da Ajuda. 1990, pág. 17

³¹ *Escritos de El-Rey D. Pedro V coligidos e publicados pela Academia das Ciências de Lisboa*, Vol. II – Viagem de D. Pedro V a Inglaterra e Europa Continental, 1923-1924, pág. 106.

³² ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Dir.) - *História da Vida Privada*, vol. 4 – Da revolução à Grande Guerra. Porto: Afrontamento. 1990, pp. 69, 70.

³³ Quinta filha de D. Maria II e D. Fernando, a infanta D. Maria Ana (1843-1884) casou, em 1859, em Lisboa, com o príncipe Frederico Augusto Jorge da Saxónia. Tiveram vários filhos, entre os quais a princesa Maria Josefa, mãe do último imperador da Áustria, Carlos I.

³⁴ «Meu querido Papá/ já plantei no meu jardim couves, alfaces, e semeei feijões e hoje vou plantar algumas flores» IAN/TT, ACR, 10 – A . Correspondência, Cx. 7324., doc. 180, Carta da infanta D. Maria Ana para seu pai, D. Fernando II, em 5 de Maio de 1858.

³⁵ «Minha querida Victória/ Uma estadia de uns oito dias no campo onde apenas me ocupei com plantações (...). O vosso devotado amigo e primo, Fernando» Arquivos reais de Windsor (RA) Z77/23, Carta do rei D. Fernando para a Rainha Victória de Inglaterra, Lisboa, 28.1.1868.



Fig. 10

Infanta D. Maria Ana,
PNA inv. 4278.

A própria rainha Vitória de Inglaterra planta uma árvore para comemorar o seu aniversário: «When i walked out at ½ p. 4, i planted a tree to commemorate my 30th birthday»³⁶. Para além deste gesto de amor pela Natureza, a rainha deu um grande passeio ao ar livre com toda a sua família: «We then walked out with the 4 eldest Children, & took them to see the sheep shearing, going afterwards along a new footpath in the wood, where they busily picked quantities of flowers...»³⁷.

Este entusiasmo pela Natureza será vivido pelos novos habitantes do paço da Ajuda, também eles grandes apreciadores da vivência ao ar livre; gosto de que dá conta o historiador Rocha Martins, ao referir os passeios da família real: «D. Luís (...) gostava de o [D.Carlos] ver correr nas ruas do jardim botânico da Ajuda e trazia-o muito para junto de si, num embevecimento. O seu maior prazer consistia em levá-lo ao Passeio Público, à sua frente, junto do irmão, e, eram tão loiros e formosos esses filhos de Reis que faziam parar os burgueses enternecidos, nas aleas. (...) D. Maria Pia tão orgulhosa detinha-se e sorria dos encontros dos vassalos com seus Príncipes e como as mães deles não se atreviam a dirigir-lhe a palavra era ela quem, por vezes, falava no seu português docemente mesclado de italiano. Sentava-se num canto preferido. D. Luís dava as suas voltas no jardim: sempre necessitado de andar, por conselho dos médicos não se detinha e ia fazendo as suas continências»³⁸.

Para além das idas ao Passeio Público ou ao Jardim Botânico, D. Luís visitava frequentemente a Tapada da Ajuda, onde se dedicava aos prazeres da caça.

Quanto à rainha D. Maria Pia, revelava já hábitos avançados para as mulheres da sociedade portuguesa da época, pois passeava «nas ruas lisboetas, em traje de amazona e montada num soberbo cavalo, o que raras vezes praticava porque, não tinha dama de honor que soubesse equitação. Outras vezes, atravessava a Baixa guiando um carrinho

³⁶ «Quando saí para um passeio, às quatro e meia, plantei uma árvore para comemorar o dia dos meus trinta anos» *Life on a Royal Estate, A document pack for Osborne House*, Transcription of Document 14, Extract from *Queen Victoria's Journal*, 24th May 1849. London: English Heritage. 1986.

³⁷ «Depois, saímos com os nossos quatro filhos mais velhos e levamo-los a ver a tosquia dos carneiros, seguindo depois por um novo caminho no bosque, onde eles com grande empenho colheram muitas flores». Idem, Ibidem.

³⁸ MARTINS, Rocha - *D. Carlos. História do seu reinado*. Estoril: Edição do Autor. 1926, pág. 36.

de palha ou *Park-Chaise* (...) tirado por duas parejas de *ponneys* (...). No verão, viam-na galopar elásticamente na Tapada de Mafra»³⁹. [Fig. 11].



Fig. 11

Caricatura de D. Maria Pia com arco e flecha, in “O António Maria”, 23 de Outubro de 1879.

Também o Diário de Notícias, de 6 de Janeiro de 1870, referia que a rainha saía «todos os dias a passeio» e acrescentava: «Há dias em que S.M. antes de almoço, depois do lunch⁴⁰ e depois de jantar sai. Quase sempre é acompanhada pelos príncipes»

Aos passeios ao ar livre, que chegavam a durar um dia inteiro, associavam-se outros exercícios físicos, como grandes percursos de bicicleta na zona de Sintra e Estoril, conforme deixou escrito a dama camareira da Rainha: «Foi [a] Sintra e Estoril. (...), sahiram d’Ajuda para Belem no comboio das 8.20 da manhã, chegando a Cintra às 9.20 partindo logo para Estrada da Serra aonde estavam as bycicles⁴¹, almoçaram em Penha Longa às 3 horas da tarde e chegaram ao Estoril às 6 ¾ da tarde, tomaram chá. (...) chegaram à Ajuda às 7 ½»⁴²; a camareira mencionava ainda passeios mais curtos dentro do jardim da Ajuda: «Foi S. Magestade [rainha D. Maria Pia] ao JB as 3 ½ com S. Alteza [infante D. Afonso] Dama e Veador e Ajudante de S. Alteza, andarão em bicyclete»⁴³; «Foi Sua Magestade com a dama para o jardim Botanico andarem em velocípede»⁴⁴.

Associado ao preceito de vida ao ar livre, refira-se ainda outro hábito muito em voga nesta época: os banhos de mar. Largamente praticado desde finais do século XVIII, manteve-se em uso durante todo o século XIX, fazendo as delícias dos diversos

³⁹ CARVALHO, João Pinto de - *Lisboa de Outrora*. 3º vol. Lisboa: Edição do Grupo “Amigos de Lisboa”. 1939, pág. 155-156.

⁴⁰ O lunch correspondia ao actual lanche.

⁴¹ Em 1911, no passadiço que estabelecia a ligação entre o paço e o jardim botânico, ainda estavam arrecadados «dois velocípedes de duas rodas cada um, uma, grande, adiante e outra, pequena atrás, tendo aquella 1,33 ½ de diâmetro; um com pedaes e guiador, e o outro sem elles, outro estragado e outro ainda em bom estado». APNA, *Inventário Judicial*, Vol. 6, G.º, nº 85.

⁴² APNA, 4.2.2.(3), *Documentos pessoais diversos, Diário da Casa Real*, 3ª feira, 28 de Fevereiro de 1899.

⁴³ Idem, 2ª feira, 23 de Janeiro de 1899.

⁴⁴ Idem, 2ª feira, 27 de Fevereiro de 1899.

membros da família real, nomeadamente os mais novos: em 20 de Outubro de 1872, o Diário de Notícias relatava: «Os srs infantes D. Carlos e D. Afonso recomeçaram ontem os banhos de mar. Vão tomá-los, como se sabe, à praia da torre de Belém.»⁴⁵

Na segunda parte deste artigo abordaremos: o reanimar do Jardim Botânico da Ajuda e o gosto pelos animais e as plantas de estufa, em particular as orquídeas - no reinado de D. Luís I.

Agradecimentos:

Ana Sofia Matos

Jean Brandão

Julie Roquette

Lídia Maria Leitão Mendonça

Paulo Alexandre Correia Fernandes



*Artigo publicado em:

Património-Estudos, nº8, (2205).Lisboa, IPPAR, Ministério da Cultura.

** Licenciadas em História e História da Arte são responsáveis pelo Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda

⁴⁵ Cf. GUEDES, Carmina Correia - *A Educação dos Príncipes no Paço da Ajuda [1863-1884]*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPPAR, PNA. 2004.

Maria João BURNAY, Mafalda PORTUGAL, «O gosto da família real pela natureza e o reanimar do Jardim Botânico da Ajuda» in *Património-Estudos*, Lisboa, IPPAR, Ministério da Cultura, 2006, nº9.